

Este conto pertence ao livro  
*Persona ou O Corretor de Imóveis*  
**SIGILO**

*Sempre quem pode sumir  
é os outros, a gente nunca.*

João Ubaldo Ribeiro  
(*Sargento Getúlio*)

O envelope assustou o Luís, professor concursado de história do colégio estadual. Nunca tinha recebido cartas do estrangeiro e agora estava em suas mãos um envelope vindo da Nigéria. Sua primeira reação foi um temor esquisito e, recolhido no seu escritório caseiro, examinou a peça meticulosamente. Conferiu no atlas a exatidão da posição geográfica e lá estava a capital — Lagos. O carimbo, muito bem estampado. E o selo, horrível: gravura de uma espécie de piolho — *Carpenter Beetle (Anthrenus Verbasci)*. As letras do sobrescrito eram feitas a caneta. O nome, correto: Luís da Silva; porém o endereço era antigo, de cinco anos passados, quando ainda morava na casa do sogro. Para os correios não houve problema, pois como sabem o endereço de todo mundo, entregaram a carta na casa certa.

O professor fez um retrospecto de sua vida, passou em revista amigos e conhecidos que pudessem estar morando no exterior. Quem sabe o Manoel Saraiva? Não poderia ser, o Manoel estava nos Estados Unidos. E por que escreveria? Nunca escreveu. Desde o ginásio não via o Manoel Saraiva que por sinal ficou muito importante depois que se tornou diplomata. Jamais escreveria uma carta ao Luís. O Ornelas poderia ser, ele é engenheiro e amigo do peito. Quem sabe está trabalhando na Nigéria? Mas não, o Ornelas visitou o Luís no último Natal e sabe o endereço direitinho, não mandaria a carta para a casa do sogro.

A televisão ligada na sala anunciou o jornal das oito, Luís escondeu o envelope dentro da gaveta e foi ouvir as

mesmas notícias com cenários e personagens diferentes. Escândalos e desgraças: corrupção no futebol; governo impõe restrição ao crédito; queimaram um índio em Brasília; rebelião no presídio de Fortaleza já dura três dias; maior contrabando de cocaína é apreendido num caminhão de melancias; ministro arranjou dinheiro para comprar votos de deputados; inundação na Marginal Pinheiros causa 143 km. de engarrafamento e duas mortes; revolta popular na Albânia; homem-bomba palestino mata judeus; avião russo cai... Terminado o noticiário, Luís tomou café com apenas um pão e margarina. A vida estava difícil, dois anos e meio sem reajuste salarial, e o filho, que nascera com um defeito congênito no rim esquerdo, dava muitas despesas de farmácia. Volta e meia estava com febre e os antibióticos, cada vez mais caros. O menino precisava de uma cirurgia, que ainda não tinha sido realizada porque o médico exigia um pagamento por fora e Luís não possuía o dinheiro. Talvez o conseguisse, no fim do ano, ajuntando o décimo terceiro.

Enquanto a mulher permaneceu na sala para ver a novela, o professor voltou ao escritório, pegou o misterioso envelope e abriu-o com muito cuidado. Encontrou uma carta escrita em inglês e, embora não dominasse a língua, conseguia entender o sentido das frases. Para uma ou outra palavra recorreu ao dicionário, e estava tudo muito claro: primeiro, fora indicado por um associado — associado de quê? — como uma pessoa de confiança, capaz de manter sigilo (*you have been recommended by an associate who assured me in confidence of your ability and reliability to prosecute a transaction of great magnitude involving a pending business transaction requiring maximum confidence*). Por um momento Luís sentiu-se envaidecido, mas quem seria o associado que o indicara como uma pessoa de confiança? O Moreira? Será que foi o Moreira? Não, definitivamente o Moreira não tem nada com a Nigéria, ele está no Chile e todo encalacrado. O ponto

culminante da carta era a proposta: Luís teria que mandar o número de sua conta bancária, através de *fax* e, em apenas sete dias, estaria depositado em seu nome a magnífica importância de 22,320.000.00 (*Twenty One Million, Three Hundred and Twenty Thousand US Dollars*), sendo que 70% seriam para o titular da conta, 20% para os promotores da transação e 10% para as despesas. Luís fez as contas: 70% de 22.320.000 são 15 milhões, 624 mil dólares.

— É muita grana, nem que eu vivesse 500 anos, conseguiria ganhar essa fortuna, é quantia de gente graúda... *Putcha!*...

O professor foi apossado de um medo avassalador, afinal ele estava cansado de saber que ninguém dá dinheiro a troco de nada. A troco de nada, eis aí a questão, aparentemente a troco de nada... ou a troco de muito. Depende do ponto de vista.

— Pode ser dinheiro de drogas, estão querendo me usar para lavar dinheiro. Já pensou? Amanhã aparecem uns *rastafáris* aqui na porta exigindo a grana toda e como é que eu vou fazer? Vou dizer que 70% são meus, na frente de uma doze? E a minha família? Vão raptar meu filho, minha mulher... Não, isso deve ser gozação, ainda mais que a carta está datada de 1º de abril. É trote, é brincadeira. Mas espere, me passar um trote da Nigéria, por quê? É muito longe e, além disso, gozação sem ver a cara do gozado não tem graça nenhuma.

Luís foi elaborando uma quantidade enorme de perguntas e fantásticas dúvidas foram surgindo na sua cabeça até que resolveu contar o caso da carta à Adelaide, sua mulher. Foi na hora em que já estavam deitados, antes de dormir. Luís falou calmo, e iniciou a notícia pelo medo que estava sentindo. Adelaide não entendeu bem, achou muito estranho o marido falando baixinho, pediu melhores explicações e foi preciso o professor levantar-se para buscar a carta no escritório. A mulher compreendia bem o inglês,

era formada em letras, só não sabia umas três palavras de todo o texto.

— Luís, você não vai deixar de mandar o número da conta, vai?

— Ainda não sei, Adelaide.

— Luís, você está maluco? Como é que você não sabe? Quinze milhões resolvem todos os nossos problemas e os da família inteira. O Juninho poderá ser operado nos Estados Unidos ou onde você quiser. O que poderá acontecer de ruim é eles não mandarem nada, mas aí você também não perde nada.

O professor ficou entusiasmado com o ânimo da mulher e embarcou nos desejos e nas fantasias.

— É mesmo, hem Adelaide, amanhã, sabe o que vou fazer? Irei ao colégio, entrarei na sala do diretor e direi: olhe aqui, professor Rodrigues, não vou mais dar aulas nesta porcaria, passe bem. Se ele falar alguma coisa, mandarei ele à merda, solenemente. Vou comprar um zerinho importado e sair por este mundão afora. Iremos ao Egito, eu sempre tive vontade de ver as Pirâmides, depois iremos pra Roma, acho que mudaremos pra lá. Mas..., ô mulher, e se for uma fria?

— Fria como?

— Você já pensou na hora em que chegar o dinheiro na minha conta, lá no Banco do Brasil? O gerente vai desmaiar, vai querer me dar o cheque-ouro, que sempre me negou, vai querer me arranjar cartão de crédito e tudo mais; mas sabe o que vou fazer? Vou abrir conta no Banco de Boston, não vou deixar meu dinheiro naquela espelunca que de grande só tem a fila. Tenho certeza de que o gerente vai comunicar ao Banco Central, a Receita Federal virá em cima de mim, vão querer saber de onde veio o dinheiro. E que eu vou dizer?

— Ora, Luís, diga a verdade.

— Mas e o sigilo? Se eu disser de onde veio o dinheiro pode aparecer aqui uma quadrilha pra acabar com a

gente. Já pensou?

— Luís, 22 milhões é muito dinheiro, a gente pode ficar com tudo e sumir.

— Sumir? Sumir pra onde? Essa turma acha quem eles quiserem. Não me acharam aqui pra mandar a carta? E depois tem aquela do Sargento Getúlio.

— Que sargento é esse?

— É um livro do João Ubaldo que tem uma passagem muito interessante. Quando aconselharam o sargento a sumir ele disse: *Como que eu posso sumir, se primeiro eu sou eu e fico aí me vendo sempre, não posso sumir de mim...* Você anda precisando ler mais, Adelaide.

— E daí?

— E daí, Adelaide, se o nosso é 70%, então é 70%. Nem mais nem menos.

Fizeram planos e mais planos, avançaram pela madrugada adentro. Luís concordou em comprar um apartamento para o cunhado e reformar a casa do sogro. Uma coisa ficou bem combinada: silêncio, não comentar nada com ninguém. O sigilo estava expressamente recomendado (*I must solicit your strictest confidence in this transaction. This is by virtue of its nature as being utterly confidential and "top secret"*).

— Viu, Adelaide? *Top secret*.

O dinheiro chegou. O aviso do banco veio pelo correio e foi Adelaide quem o pegou debaixo da porta. Quando viu que estavam depositados na conta do marido os 22,320.000,00 *US dollars*, ligou imediatamente para o colégio. O diretor não queria tirar o Luís da classe, mas a insistência de Adelaide foi convincente — questão de vida ou morte, alegou a mulher.

— Luís, venha depressa, o dinheiro já está na sua conta.

— Adelaide, estou dando aula e você vem com brincadeiras. O diretor me encheu o saco porque eu saí da

sala pra atender o telefone.

— Não, Luís, eu tou apavorada, venha pra casa, não estou brincando.

O professor percebeu que a mulher estava falando sério e, após uma rápida perturbação emocional, recompôs o equilíbrio. Só lhe restava então executar seus planos, entrou na sala do diretor e disse:

— Professor Rodrigues, não vou dar mais aulas nesta porcaria de colégio. Passe bem — e foi saindo.

O diretor, perplexo, ainda quis uma explicação:

— Ei! rapaz, que negócio é esse? Psiu, psiu, volte aqui...

O professor cumpriu a promessa, parou na porta e solenemente falou bem pausado:

— Rodrigues, vai-te à merda...

Chegou a casa e encontrou Adelaide arrumando as malas.

— Anda, Luís, rápido, vamos embora, rápido...

— Calma, Adelaide, vamos pra onde?

— Vamos embora. Primeiro, a gente vai pro Rio, depois a gente resolve, vamos rápido. Já deixei o Juninho com a mamãe até as coisas se arranjam.

— Bem, tenho que ir ao banco para certificar-me do depósito.

Aconteceu tudo como estava previsto. O gerente já deixara ordens para que o Luís fosse encaminhado ao seu gabinete, caso aparecesse. Tão logo chegou, o segurança avisou o professor de que ele estava sendo esperado e, como não tinha conhecimento do assunto, fez um gesto estereotipado, indicando que o gerente ia dar uma ferrada no Luís.

— Professor Luís, eu já tive que chamar o médico. Estava com 24 por 16 de pressão, passei muito mal, minha vista escureceu na hora que o encarregado me mostrou o lançamento, eu pensei que ia embarcar. Mandeí conferir,

direto em Brasília, achei que tivesse algum engano, mas está tudo batendo em cima da mosca, não houve erro algum. Afinal de contas, não é todo dia que um professor recebe uma quantia desse valor. Eu estava ameaçado de ser transferido pra Rondônia porque não consegui atingir a cota de depósitos. Você me salvou, professor Luís. Já preparei um cheque especial pra você. Posso te chamar de você, não posso? Providenciei também cartão de crédito internacional. De agora em diante, nem pense em fila e não precisa falar com ninguém, venha direto pra minha sala.

— Escute, Seu Pancrácio, minha intenção não era deixar nem um tostão nesta agência. O senhor já fez muito pouco caso de mim quando eu precisava de apenas 100 pratas. Se eu tivesse um cheque-ouro eu não passaria a vergonha que eu passei na farmácia. Meu nome foi parar no SPC e me deu muito trabalho para limpar minha ficha. Mas, vá lá, eu não sou um sujeito desamaldô. De quanto o senhor precisa pra atingir a cota de depósitos?

— Eu preciso de 150.000.

— Tá bem, vou deixar 200.000. Ponha aí num fundo qualquer; entretanto, o resto eu vou transferir para o Banco de Boston. O senhor sabe, não é mesmo? Eu agora não sou mais um Zé-qualquer e diga àquele segurança da porta pra ser mais educado, todo mundo é cidadão e merece respeito.

— É claro amigão, você me salvou. Logo agora que minha casa ficou pronta. Você já pensou, eu em Rondônia, ganhando a titica que estamos ganhando, ia ser uma parada. Minha mulher já tinha dito que não ia me acompanhar. Você me salvou, amigão!

Luís foi saindo do banco acompanhado do gerente, cruzaram com o segurança que esboçava um riso de deboche. O gerente com a cara muito feia dirigiu-se ao guarda e disse:

— Seu Anísio, me espere na minha sala, vamos ter uma conversinha muito séria...

Antes de ir para casa, Luís passou numa concessionária de carros importados. Olhou, olhou, e ninguém deu importância à sua presença. Aproveitou e assistiu a uma demonstração que um vendedor fazia a um cliente. O carro era incrementado, possuía uma suspensão regulável e custava 36.000 reais. Finalmente o gerente da loja percebeu que o Luís estava querendo alguma coisa e recomendou:

— Lá atrás temos um galpão de carros usados, você gostaria de ver algum?

— Não, eu quero um daqueles ali — e apontou para o carro da suspensão regulável.

— Aquele ali é muito caro.

— Eu dou meu fusquinha de entrada, quanto terei que voltar?

— Bem, aquele custa 36.000 — e olhando para o estacionamento — seu fusquinha... não pega mais do que mil, portanto sai por 35.

— Tá bem, vou levar e mande emplacar depressa que amanhã eu quero viajar.

O gerente, meio desconfiado, convidou o Luís para assentar-se e pediu dois cafezinhos. O professor tirou o talonário do bolso e preencheu com capricho: trinta e cinco mil reais. Entregou o cheque ao gerente, que imediatamente o passou a um funcionário, adicionando um sinal combinado. Minutos depois, voltou o moço todo sorridente, queria falar com o chefe em particular.

— O gerente do banco me falou que o cheque é bom, aliás, ele disse que é ótimo. Disse também que, pelo amor de Deus, é pra tratar esse cara muito bem, é o homem mais rico da cidade!

O gerente da loja voltou com ares mudados. Conduziu o Luís a uma sala reservada, ofereceu frutas frescas, refrigerantes e finos biscoitinhos. Tentou entabular uma conversa sobre opcionais, contudo Luís não deu



prosseguimento à conversa, só queria o carro liberado. O gerente prometeu cuidar do emplacamento e, apesar de já ser tarde, disse que conseguiria resolver tudo.

— Levarei o carro em sua residência, pessoalmente. Pode ficar tranqüilo.

Luís pegou um táxi, passou na confeitaria, comprou material para um lanche reforçado e foi para casa. Adelaide tinha arrumado todas as malas e seu plano era viajar imediatamente. O professor contou a conversa que teve com o gerente do banco e disse que estava aguardando o carro novo chegar. Ponderou com a mulher que não havia necessidade de sair como fugitivo, afinal não cometera crime algum. Adelaide então, revelou sua intenção:

— Luís, nós vamos fugir sim. Vamos sumir com o dinheiro todo...

— Não, senhora, o dinheiro não é todo nosso. Temos 70%, o resto eu nem sei de quem é. Vamos aguardar...

Não tinha terminado sua fala quando tocaram a campainha.

— Deve ser o carro...

Adelaide foi abrir a porta e encontrou quatro negros. Um deles tinha o nariz afilado e vestia uma capa comprida. Não pediram licença, foram entrando casa adentro e encontraram o Luís que, assustado com o barulho, vinha ver o que estava acontecendo. O mais velho dirigiu-lhe a palavra:

— Professor Luís, não temos tempo para muita conversa, preencha um cheque de 6.696.000 reais...

Foi quando tocou o despertador; às seis e meia da manhã. Adelaide acordou preguiçosamente e perguntou:

— Luís, quanto custa um helicóptero?

— Sei lá, Adelaide, você tá maluca? Que pergunta? Pra que você quer saber quanto custa um helicóptero?

— Eu sonhei muito, depois eu te conto. Se o

dinheiro der, acho melhor a gente comprar um helicóptero.

— Que dinheiro, Adelaide?

— Você já se esqueceu da carta? Você vai passar o *fax* hoje, não vai?

— Adelaide, não brinque, eu já tinha esquecido, ainda não resolvi nada e lembre-se do que combinamos: boca fechada. Se você contar pra alguém, sempre ficará uma dúvida na cabeça do povo. Não faltará gente pra dizer que arranjamos dinheiro na mutreta, basta você comprar um vestido novo. Se eu trocar meu fusquinha então, vai ser aquele falatório. Boca fechada.

Luís foi trabalhar, quatro aulas de história para uma rapaziada que não estava interessada em nada, um diretor chato e os colegas insatisfeitos com os baixos salários. Ao folhear seu livro de História Geral as ilustrações evocaram a proposta da Nigéria: as Pirâmides, a Esfinge, Atenas, Roma, Paris, o Museu Britânico, o Kremlin, o Escurial... Poderia passar o resto da vida viajando, hospedando-se em grandes hotéis e se gastasse mil dólares por dia, durante dez anos, ainda continuaria com muito dinheiro. Compraria uma fazenda, compraria muitos livros, todos que desejasse, compraria também uma casa na praia, Adelaide sempre gostou de praia, mas foram poucas vezes. O dinheiro sempre curto e, após o nascimento de Juninho, nunca mais viram o mar. O professor fazia seus planos consumistas misturados com suas explanações e nunca tinha falado com tanta emoção sobre o Império Romano, chegou mesmo a prender a atenção dos alunos. No intervalo, não deu muita conversa aos colegas, preferiu ficar só, andando no pátio com as mãos para trás, em busca de uma decisão: mandar ou não mandar o número da conta bancária.

— Mas será uma coisa legal? Vou ter que perguntar a um advogado de confiança. O Dr. Augusto deve saber se a gente pode receber um dinheiro doado, sem problemas. Se ele disser que pode, então está resolvido; mas, se a origem

do dinheiro for escusa, nada feito. Na CPI, aqueles camaradas vivem dizendo que não sabem de onde veio o dinheiro, há contas fantasmas, mas o negócio da Nigéria, não, é preto no branco, a minha conta é legal. E depois, se tiver que pagar imposto de renda, eu pago. Quero ver a cara do palhaço daquele gerente, querendo me dar cheque-ouro. E o limite? Qual será o limite? Quinhentas pratas? Aliás, vou passar no banco, hoje, e pedir um cheque-ouro. O palhaço vai me negar, faço questão de que ele negue, mas daqui a sete dias ele vai ver. Vou limpar a conta, não deixarei um tostão na agência daquele babaca. Passarei tudo para um outro banco, onde terei um dinheirinho para as compras do dia-a-dia, uns 200 mil. O resto vou depositar no Banco de Boston e no Banco Holandês, sempre achei o Banco Holandês bacana, nunca tem fila. Hã, hã, e se depois que o dinheiro chegar os caras disserem que devo emitir um cheque da quantia total, tudo pra eles. Vou dizer que não? Aí é que está o perigo. Será que a carta tem valor jurídico pra dizer que 70% são meus. O Dr. Augusto deve saber. Acho que vou ter que contratá-lo, fixo, pra cuidar dos meus negócios, é o jeito...

Adelaide foi ao mercado e encontrou-se com a Anabela, uma vizinha, do mesmo bairro, casada com o agrônomo Fortunato. Conversaram sobre o que sempre conversaram: brócolis, pepinos, ovos, tomates, uma nova receita de torta de frango, problemas dos filhos e dificuldade de arranjar empregada. Adelaide notou, no entanto, que Anabela não estava muito ligada no bate-papo. Ainda mais ela, que sempre encaminhava a conversa para as lamúrias da falta de dinheiro. Mostrava-se muito otimista com a vida e quando não fez questão de receber um troco de dois reais e setenta centavos na banca do queijeiro, Adelaide não se conteve.

— Que isso, Anabela, eu já vi você brigar por causa de um centavo e agora você não está fazendo questão de

dois e tanto. Que novidade é essa?

— Ora, Adelaide, que vale isso? A gente briga quando não tem, mas quando as coisas melhoram, a gente vê que esse povo precisa de ajuda. O Fortunato vive me contando como está difícil a vida dos ruralistas, coitados. Dão um duro lascado pra escutar desaforo aqui no mercado.

— E o Fortunato? Vai bem?

— Vai! Vai muito bem. Ele agora arranjou um negócio com uns amigos do exterior. Até no fim do mês, acho que vamos mudar.

— Gente! Como é que você não me contou isso? Vocês vão pra onde?

— O Fortunato ainda não decidiu. Tem hora que ele fala que vai pra França, outra hora ele fala que vai pro Canadá. Eu ainda não sei, mas já estou vendendo os móveis. Vendendo mesmo, quer dizer, eu só vendi a mesa grande de jacarandá com as cadeiras que foram do vovô, o resto eu dei. É um sobrinho que precisa, uma prima que pede, não vou fazer conta de nada. Minha copa eu mandei pra filha da empregada que vai casar. Estamos com as camas e a roupa nas malas. Só vou deixar a casa alugada porque a gente nunca sabe, não é mesmo?

— Que coisa boa, Anabela! Então você precisa aparecer pra gente conversar mais. Vou fazer um bolo amanhã, vai lá em casa tomar um café. Afinal, será uma despedida, hoje já é 19. Que dia mesmo que vocês vão?

— O Fortunato falou que até dia 25 está tudo resolvido. Vamos só com as malas de roupa, vamos comprar tudo lá.

— Então, Anabela, te espero amanhã. Tchau, querida.

— Tchau. *Au revoir*. Tenho que ir treinando, ha, ha, ha... *Tchau, chérie*.

Adelaide foi para casa com inveja da Anabela e amaldiçoando o pobre Luís.

— Eu cansei de falar praquele mulo que ele tinha que estudar agronomia, mas ele queria estudar história pra ser professor. Veja agora o Fortunato, que sempre foi um burrão, tá de mala arrumada pra França e o outro tá dando aula no colégio estadual, sonhando com as pirâmides. Se ele não mandou o *fax*, ele me paga...

Às seis horas da tarde chegou o Luís. Estava alegre e falante. Adelaide, de cara torcida. O professor sentou na poltrona da sala, tirou os sapatos, coçou as frieiras e começou a contar:

— Sabe com quem me encontrei hoje?

— Como é que eu vou saber.

— Nossa, Adelaide, que azedume!... Encontrei-me com o Fortunato.

— Ah! é? Eu me encontrei com a Anabela.

— É mesmo? Ela te falou alguma coisa?

— Falou que eles vão mudar pra França ou pro Canadá. Já está vendendo e dando os móveis, e falando francês, aquela idiota que nem acabou o normal...

— Adelaide, o Fortunato recebeu uma carta da Nigéria, dizendo aquelas mesmas coisas e já mandou o número da conta bancária.

— Ah! Luís! Ah! Luís! Eu te falei!...

— Calma, Adelaide. Aquilo é patifaria. Devem estar preparando um cadastro de otários pra lançar uma corrente igual àquela da Albânia. O pior eu não te conto: ele não sabe como a polícia federal ficou sabendo; só disseram que estão rastreando contas bancárias encaminhadas ao exterior por causa do escândalo dos precatórios. Já veio um telegrama de Brasília, intimando. Ele terá que comparecer ao ministério para explicar o assunto, afinal ele é diretor do IBAMA, é funcionário público. Já abriram um processo administrativo, ele tá no mato sem cachorro... Acho que pior ainda é a falta de coragem de contar pra Anabela. Ele disse que estava na dúvida, mas ela tanto o atormentou que ele acabou

mandando o número da conta, e ainda usou o *fax* da repartição. E tem mais, a Anabela queria sumir com o dinheiro todo...

Adelaide mudou o semblante, foi arrumar a mesa do café com um pão e margarina. Limitou-se a dizer:

— *Au revoir...* Luís, quero ler o *Sargento Getúlio...*